

Estética e retórica da neurodissidência: desconstruir a normatividade nos estudos literários da atualidade

Fábio Luiz Nunes

A formação identitária humana encontra lastro em uma trama densa de determinações socioculturais, na qual a subjetividade se articula, de modo inescapável, às categorias de classe, de raça e de gênero, aspectos que condicionam o acesso à palavra, à inteligibilidade pública e às formas de legitimação na vida em sociedade. Nessa linha, a crítica literária indiana Gayatri Spivak (2010) sugere que a produção ocidental de conhecimento pode funcionar como violência epistêmica quando institui o sujeito hegemônico enquanto medida universal. Com isso, convertem-se diferenças em déficit, silenciando existências que não se ajustam a modelos normativos de humanidade. No campo da saúde mental, tal mecanismo se manifesta na soberania do discurso médico-psiquiátrico e de suas institucionalidades classificatórias, as quais, capturando variações do funcionamento psíquico sob signos de desvio, limitação e improdutividade, reiteram regimes de normalização e controle dos corpos.

Em oposição a essa matriz clínica excludente, o movimento da neurodiversidade sustenta que as variações cognitivas, sensoriais e afetivas devem ser compreendidas como expressões naturais da pluralidade humana, subtraídas de estigmas corretivos e afirmadas no âmbito do respeito à diferença e da aceitação incondicional (Singer, 2017). Fortemente vinculado ao ativismo pelos direitos civis, esse construto reconhece as mentes atípicas como modos legítimos de existir, dotados de agência para reconfigurar a percepção da realidade material e social e para tensionar a normatividade hegemônica, abrindo vias de emancipação frente às engrenagens da adequação compulsória (Walker, 2021). Esse posicionamento remete, ainda, à crítica spivakiana dirigida à cumplicidade do intelectual que presume falar pelo outro, pois, quando substitui a fala do subalterno por mediações autorizadas, preserva-se uma mudez estrutural sob a aparência de representação (Spivak, 2010). No cenário acadêmico contemporâneo, observa-se, igualmente, que o paradigma do “sujeito cerebral” opera como sistema de agregação biossocial, articulando redes de pertencimento que legitimam a pluralidade neurológica e recusam a invisibilidade imposta por métricas

capacitistas (Ortega, 2008), de maneira que a neurodissidência não seja mais tratada como objeto exclusivo da intervenção clínica e passe a constituir um campo de resistência política e de afirmação subjetiva.

Trazendo essas formulações para o território da crítica textual e dos estudos literários, nota-se o crescimento de um campo de investigação dedicado a compreender os efeitos do processamento mental divergente sobre a produção, a circulação, a configuração estética e a recepção das narrativas escritas. É exatamente no interior dessa problemática que emerge a obra *Literary neurodiversity studies: current and future directions*, publicada pela Palgrave Macmillan em 2025. O livro aborda a relação entre teoria literária e os conhecimentos consolidados sobre a neurodissidência. Convém salientar, ainda, que, até o presente momento, essa obra não dispõe de versão em língua portuguesa, o que restringe sua circulação em escala mais ampla para o público brasileiro.

O autor desse trabalho, Bradley J. Irish, é um pesquisador estadunidense, nascido em New Hampshire e criado no estado do Maine. Seu percurso acadêmico começou na Boston University e prosseguiu com o doutorado em Literatura Inglesa pela University of Texas at Austin, instituição em que consolidou a formação voltada à literatura e à cultura da Renascença Inglesa. Desde 2012, ele atua como docente na Arizona State University, onde ocupa o cargo de professor associado do departamento de língua inglesa, no *campus* de Tempe. As preocupações de pesquisa de Irish se acham de modo consistente na Modernidade inicial, com especial atenção à história das emoções entre os séculos XVI e XVII. A esse percurso somou-se, em agosto de 2022, às vésperas de completar quarenta anos, o diagnóstico clínico de autismo e de transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, fato que reorientou de forma decisiva seus interesses investigativos e o levou a assumir um papel destacado na emergente área da neurodiversidade da Modernidade.

Sustentado pela compreensão inseparável entre processos cognitivos, sensoriais e afetivos na constituição do que denomina unidade corpo-mente, Irish atua também na defesa de acadêmicos neurodivergentes, por meio da edição do periódico *Emotion Review* e da manutenção de plataformas digitais de difusão do conhecimento, como o portal *literaryneurodiversity.org*.

Na introdução do livro, Irish (2025) busca alcançar as bases epistemológicas do campo em exame, definindo a neurodiversidade como a articulação indissociável entre processos cognitivos, emocionais e sensoriais no corpo-mente (Irish, 2025). A matriz conceitual proposta pelo autor rejeita o paradigma médico centrado em déficits patológicos e o substitui pelo modelo social da deficiência, que situa as barreiras incapacitantes nas próprias estruturas de uma sociedade organizada pela normatividade neurológica, como também observa Alzaghal (2025). Em lugar de nomenclaturas diagnósticas rígidas, propõe-se a noção não essencialista de neurotipos, ferramenta teórica fecunda para classificar modos de funcionamento mental em personagens e autores de obras literárias, sem incorrer em anacronismos clínicos (Bartlett; Irish, 2025). Toda essa formulação se sustenta em uma abordagem biocultural, pela qual o autor ressalta que os cérebros se desenvolvem em interação contínua com os ambientes físicos e sociais.

O capítulo dois, intitulado “Literary neurodiversity: the presente”, apresenta os principais fundamentos metodológicos mobilizados nos estudos literários sobre o tema. O primeiro deles recai sobre os personagens neurodivergentes, abrangendo tanto identidades diagnosticadas no interior dos textos recentes quanto figuras históricas lidas retrospectivamente a partir de traços atípicos. A representação desses indivíduos na ficção, segundo Irish (2025), suscita intensas discussões sobre o emprego de estereótipos restritivos e sobre a reprodução do capacitismo. Nessa mesma direção, Jay e Smith (2026) defendem que obras que tratam o funcionamento neurológico divergente como um defeito a ser curado ou corrigido recorrem a uma lógica narrativa fundada na neuronormatividade, impondo sofrimento e apagamento identitário aos sujeitos. Esse procedimento reduz a diferença a um simples mecanismo de resolução de conflitos e reforça a supremacia do padrão normotípico. Nesse contexto, Irish (2025) enfatiza a necessidade de ler as criações literárias para além das grades patologizantes, reconhecendo a plena agência dessas pessoas.

A segunda vertente metodológica discutida no capítulo concentra-se nas produções autobiográficas e ficcionais de autores abertamente neurodivergentes, como Temple Grandin, Madeleine Ryan e Jennifer Cook O’Toole. Cumpre destacar que as obras reunidas sob a categoria das vozes próprias conferem uma validação

epistemológica singular: segundo estudiosos como Singla, Pallavi e Gover (2025), essas textualidades permitem que a diferença neurológica seja comunicada a partir de experiências corporificadas. Para eles, a escrita atípica rompe com a injustiça testemunhal promovida pelas instituições médicas, assegurando aos próprios sujeitos o controle de suas narrativas. Livros vinculados a essa vertente resistem às exigências sociais de camuflagem e recusam os arquétipos do indivíduo puramente trágico ou do gênio isolado, substituindo tais caricaturas por descrições mais autênticas (Alzaghal, 2025; Singla; Pallavi; Gover, 2025). Segundo o próprio Irish (2025), a expansão desse tipo de autoria desestabiliza hierarquias literárias hegemônicas, ao introduzir saberes singulares na cultura global.

O terceiro eixo metodológico descrito no capítulo dois examina o estilo neurodivergente e as particularidades estéticas das linguagens atípicas. Na visão de Irish (2025), elementos textuais específicos, como repetições, monólogos extensos, fixação sensorial e disrupções sintáticas, deixam de ser entendidos como falhas comunicativas e passam a ser lidos como recursos retóricos legítimos de uma poética autista. O autor recorre ainda à teoria *neuroqueer* para questionar padrões comunicativos hegemônicos, conectando mentes atípicas a marcadores de raça, classe, gênero e sexualidade, preocupação que também desenvolve em outros trabalhos (Bartlett; Irish, 2025). A articulação entre essas categorias identitárias evidencia que a divergência cognitiva atravessa as experiências corporais e sociais dos sujeitos literários. Desse modo, estilos textuais distintos podem ser compreendidos sob a perspectiva de uma retórica divergente, abrindo caminhos para a análise das estéticas marginais.

“Literary neurodiversity: a future?” é o capítulo que se segue e, nele, Irish (2025) propõe alargar o horizonte conceitual da área, sugerindo que o estudo da variação neurológica humana deva abranger a integralidade das experiências cognitivas, emocionais e sensoriais. Trata-se de uma tentativa de articular distintos domínios do saber em uma moldura unificada da neurodiversidade, com vistas ao fortalecimento do processo de despatologização das diferenças mentais. Mesmo que o exame de modos de ser neurodivergentes permaneça no centro da disciplina, a incorporação de variações cognitivas mais amplas permite uma leitura mais abrangente da experiência humana. Tal movimento dialoga diretamente com a necessidade de investigar de que maneira a literatura contemporânea representa a

deficiência mental para além das figuras tradicionais de isolamento ou de confinamento doméstico, como defende Hickner-Johnson (2021). Nesse sentido, a ampliação do escopo também favorece a identificação da diversidade cognitiva em períodos literários antes pouco contemplados pelas categorias clínicas modernas (Bartlett; Irish, 2025).

A expansão do campo para um estudo mais amplo da diversidade neurológica evita reduzir personagens a etiquetas clínicas e desloca a atenção para os efeitos estéticos e sociais da variação cognitiva. Segundo Murray (2006), uma mudança dessa natureza contribui para desfazer o fascínio narrativo exercido pelo autismo e por outras condições frequentemente convertidas em objeto de sentimentalismo ou em espetáculo da suposta verdade diagnóstica. A proposta de Irish (2025) defende, afinal, uma metodologia que reconheça a agência de sujeitos neurodivergentes e convide os estudos da sensação e da emoção a adotar o paradigma da neurodiversidade. Com isso, torna-se possível recuperar narrativas históricas da diferença cognitiva e mapear de que maneira relações não normativas com o mundo foram registradas ao longo da tradição literária (Bartlett; Irish, 2025). Da mesma maneira, o estudo da neurodiversidade na literatura permite criticar as estruturas que produzem ambientes incapacitantes, redirecionando a preocupação do impedimento individual para os obstáculos sistêmicos (Hickner-Johnson, 2021; Murray, 2006).

Avança-se, então, para o capítulo quatro, “Case study: neurodiversity and neurodivergence in Othello”, no qual a tragédia shakespeariana é mobilizada para evidenciar a aplicação prática da teoria em textos do período moderno inicial. Irish (2025) investiga a condição neurológica do protagonista, associando a epilepsia e os estados de transe de Otelo a uma suscetibilidade cognitiva que se entrelaça às construções raciais da peça. Iago, por sua vez, também é lido à luz da diversidade mental, sendo descrito por um funcionamento emocional atípico que lhe permite manipular o ambiente ao redor. Essa interpretação resgata subjetividades que a crítica tradicional manteve sob o signo da patologia ou da falha moral, reconhecendo a legitimidade das variações do corpo-mente na composição literária (Hickner-Johnson, 2021; Irish, 2025). Ao incorporar esse tipo de análise, o livro favorece uma representação textual mais íntegra, na qual as experiências neurodivergentes passam a ser reconhecidas como componentes estruturantes da

narrativa (Singla; Pallavi; Gover, 2025). Assim, a aplicação do paradigma da neurodiversidade a clássicos literários amplia a compreensão da pluralidade humana e evita o recurso a categorias clínicas restritivas e anacrônicas (Irish, 2025; Singla; Pallavi; Gover, 2025).

No capítulo de conclusão, a obra discute os rumos futuros do campo e destaca a importância do suporte institucional a pesquisadores neurodivergentes no ambiente acadêmico. O texto projeta uma inflexão epistemológica que abandona a busca por tratamentos médicos e reconduz as reflexões para a inclusão e para a justiça social. O leitor poderá, nesse ponto, perceber um diálogo claro com proposições recentes que entendem a dissidência neurológica como forma de resistência política aos imperativos da produtividade, dimensão que pesquisas recentes vêm enfatizando (Vargas García; Guzmán Martínez; Vite Hernández, 2025). Para Irish (2025), fica claro que a integração desses saberes desestabiliza estruturas de poder que marginalizam corpos e mentes divergentes, ao mesmo tempo que incentiva uma produção científica comprometida com a ética da diversidade. O encerramento da obra reafirma, assim, o compromisso com a construção de espaços neurologicamente inclusivos e com o enfrentamento ativo do capacitismo e dos estigmas.

Como o leitor poderá constatar, a principal virtude de Irish (2025) acha-se no esforço de situar a variabilidade mental e comportamental como um traço disseminado por toda produção literária, para além do recorte em patologias específicas. À medida que defende que os processos cognitivos e sensoriais participam da constituição de toda identidade literária, o autor possibilita uma compreensão mais fiel da diversidade humana. Essa perspectiva estimula a recuperação de subjetividades por séculos silenciadas e permite que a atipicidade seja reconhecida como componente fundamental da experiência do corpo-mente (Bartlett; Irish, 2025). A legitimação desse campo, por sua vez, fortalece o estatuto ontológico das diferenças e contribui para um ambiente acadêmico mais sensível à pluralidade dos modos de existir e de perceber a realidade (Alzaghal, 2025).

Para este resenhista, existe, contudo, uma lacuna pontual na obra, relativa à escassez de discussões sobre o que se poderia chamar de *psicodiversidade*, o que envolveria, por exemplo, personagens e autores vivendo com quadros de psicose ou transtornos de personalidade, uma vez que o livro privilegia vivências

relacionadas especificamente ao neurodesenvolvimento atípico, e não a outras condições de natureza psiquiátrica. Essa ausência, certamente, não compromete a qualidade do estudo, que segue firme em sua crítica aos modelos ficcionais que mobilizam a deficiência enquanto expediente de reparação narrativa (Jay; Smith, 2026). A obra resenhada posiciona-se, dessa maneira, como uma referência valiosa para pesquisadores da literatura, teóricos da deficiência e estudantes de psicologia interessados em questionar padrões opressores de normalidade. Em suma, o trabalho parece cumprir exitosamente o propósito de fundamentar estudos literários comprometidos com a ética e com a representação autêntica das experiências neurodissidentes (Alzaghal, 2025).

Referências

ALZAGHAL, Noor Nedal Said. **Towards neurocosmopolitanism: an ecosomatic reading of contemporary own-voices autistic writings**. 2025. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Faculty of Graduate Studies, An-Najah National University, Nablus (Palestina), 2025.

BARTLETT, Bridget M.; IRISH, Bradley J. Early modern neurodiversity: a preliminary research agenda. **ELH**, [s. l.], v. 92, n. 2, p. 461-493, 2025.

HICKNER-JOHNSON, Corey. **Beyond the attic: mental disability, neurodiversity, and contemporary women's writing**. 2021. Tese (Doutorado em Inglês) – Graduate College, University of Iowa, Iowa City (Estados Unidos da América), 2021.

IRISH, Bradley J. **Literary neurodiversity studies: current and future directions**. Cham (Suíça): Springer Nature Switzerland AG, 2025. 106 p. ISBN: 978-3-031-80602-5.

JAY, Benjamin; SMITH, Michelle J. "Neuronormativity" in contemporary young adult fiction. **Papers: Explorations into Children's Literature**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 25-47, 2026.

MURRAY, Stuart. Autism and the contemporary sentimental: fiction and the narrative fascination of the present. **Literature and Medicine**, Baltimore (Estados Unidos da América), v. 25, n. 1, p. 24-45, 2006.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 abr. 2026.

SINGER, Judy. **Neurodiversity: the birth of an idea**. [S. l.]: Judy Singer, 2017.

SINGLA, Priyanka; PALLAVI; GOVER, Satish. Authentic neurodivergent representation in contemporary literature by neurodivergent authors and its implications for literary inclusivity. **TPM**, [s. l.], v. 32, n. 4, p. 1771-1775, 2025. Disponível em: <https://tpmap.org/submission/index.php/tpm/article/view/4097>. Acesso em: 02 abr. 2026.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VARGAS GARCÍA, Berenice; GUZMÁN MARTÍNEZ, Grecia; VITE HERNÁNDEZ, Diana. Discapacidad, neurodisidencia y locura: ampliaciones y giros epistémicos. **Tabula Rasa**, Bogotá (Colômbia), n. 57, p. 11-17, 2025. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero57/discapacidad-neurodisidencia-y-lo-cura-ampliaciones-y-giros-epistemicos/>. Acesso em: 02 abr. 2026.

WALKER, Nick. **Neuroqueer heresies**: notes on the neurodiversity paradigm, autistic empowerment, and postnormal possibilities. Fort Worth (Estados Unidos da América): Autonomous Press, 2021.

Data de submissão: 02/04/2026

Data de aceite: 15/05/2026